



REDOBRAMENTO, RECURSÃO E VERBOS DE MOVIMENTO EM PORTUGUÊS

DOUBLING, RECURSION AND MOTION VERBS IN PORTUGUESE

Verena Kewitz¹

RESUMO

Neste artigo apresento um dos padrões de representação do movimento em português, especificamente quando há redobramento da informação do percurso no verbo e em expressões preposicionadas ou adverbiais. Para tanto, retomo o conceito de redobramento sintático apresentado por Moraes de Castilho (2005, 2011), atrelado ao Princípio de Recursão da Abordagem Multissistêmica (CASTILHO 2015). Com base na Semântica Cognitiva, mais especificamente na proposta de Talmy (1985, 2000b), descrevo dados do português arcaico com alguns verbos de movimento (*entrar, sair, subir* etc.) em que se observa o redobramento da informação de percurso. Ao final, coloco algumas questões e encaminhamentos para pesquisas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos de movimento; Redobramento; Recursão; Português Arcaico

ABSTRACT

The aim of this paper is to present motion verbs lexicalization patterns in Portuguese, namely the one in which path information happens twice in the sentence. These patterns have been proposed by Talmy (1985, 2000b) who has divided languages in two main groups: *verb-framed* and *satellite-framed* languages, according to the way they encode path and manner information in motion events. Based on Old Portuguese data, I will focus on some semantic problems about doubling constructions, namely those usually called redundant constructions. Such phenomena has been deeply analysed by Moraes de Castilho (2005), with particular attention to syntactic structures and types. As Castilho (2015) proposes, doubling construction is one of the many phenomena that evidence the Principle of Recursion, together with repetition, reanalyses and so on. Therefore, doubling path information, apart from manner verbs in Portuguese, may provide some other elements for language typology of motion events.

KEYWORDS: Motion verbs; Reduplication; Recursion; Old Portuguese

¹ Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, USP. Atua como professora e pesquisadora na área de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. E-mail: kewitz@usp.br



Introdução

A forma como descrevemos o que vemos e como vemos as coisas à nossa volta revela aspectos importantes sobre a relação entre a linguagem e a cognição. Dentre esses aspectos, destaca-se o movimento, considerado como uma das experiências humanas mais fundamentais, já que está ligado às nossas habilidades, rotina e comunicação.

Há pelo menos três décadas, muito se tem pesquisado sobre o movimento em diversas línguas e sob diversos pontos de vista. Mas talvez seja no campo da Linguística Cognitiva, e sobretudo da Semântica Cognitiva, que mais pesquisas tenham sido e venham sendo feitas, impulsionadas pelos estudos de Talmy (1985, 2000b) sobre os padrões de lexicalização do movimento. Para o autor, as línguas podem ser, *grosso modo*, classificadas em dois grandes grupos, a depender de como a informação sobre o percurso do movimento se lexicaliza. Descrevo esse modelo brevemente na primeira seção deste artigo, e algumas pesquisas que identificam outros padrões em várias línguas.

Em seguida, discuto os conceitos de redobramento sintático e do Princípio de Recursão, propostos, respectivamente, por Moraes de Castilho (2005) e Castilho (2015), que servem de base para explicar casos como *entrar dentro*, *sair fora* etc. Na última parte, apresento alguns dados com verbos de movimento, como *entrar*, *sair*, *subir* etc., extraídos de textos do português arcaico (XIII a XVI), em que o percurso é marcado também em outros elementos. A partir disso, coloco algumas questões e encaminhamentos de pesquisas futuras.

Antes de prosseguir, é preciso esclarecer duas decisões importantes neste artigo. Primeiramente, faço uso do termo *padrões de representação* do movimento no lugar de *padrões de lexicalização*, termo cunhado por Talmy (1985, 2000b) e adotado por boa parte dos pesquisadores. Essa decisão se faz necessária pela constante discussão sobre mudança linguística no quadro da Teoria de Gramaticalização, processo geralmente colocado em contraposição ao de Lexicalização. Além disso, a definição de lexicalização de Talmy leva em conta observar quais informações espaciais se apresentam na raiz dos verbos e quais se situam nos chamados satélites. Para evitar esse ruído, portanto, adoto um termo mais geral (representação do movimento). Outros dois termos que utilizo aqui são *movimento*, equivalendo a *deslocamento*, sem o compromisso de estabelecer diferenças entre eles, e *percurso*, numa sorte de tradução livre de *path*, expresso por diversas expressões nas línguas, como preposições simples e complexas, advérbios, dêiticos etc².

A segunda decisão diz respeito à análise qualitativa dos dados extraídos de textos do português arcaico em edições filológicas disponíveis no *Corpus Informatizado do Português*

2 Outros termos para *path* podem ser trajetória ou caminho. As expressões que representam o percurso são o que Talmy (2000b) define como *satellite*. Neste artigo, quando usar o termo *satélite* será sem o compromisso de apresentar sua definição e as classes de palavras que se inserem nessa categoria; será tão somente para distinguir o verbo de movimento das demais classes.

Medieval (doravante, CIPM). Utilizo os termos *mais ou menos frequente* ou *recorrente* somente com base na observação do que foi encontrado nesse *corpus* e na literatura especializada de forma muito geral, sem o compromisso com a quantificação de dados.

Essa decisão se baseia nos pressupostos do modelo de Tradições Discursivas, que propõe, dentre outros pressupostos metodológicos importantes, o cuidado com afirmações baseadas em quantificações de dados de textos de tipologia e extensão diversas. Especificamente, deve-se atentar para o fato de um determinado item ou expressão não aparecer num certo tipo de texto simplesmente porque não há ali espaço para seu uso, não significando que tenha havido mudança linguística de qualquer ordem (cf. JACOB 2001, KABATEK 2006).

2. Padrões de representação do movimento

O movimento no espaço físico é um dos domínios experienciais mais básicos em nossa vida cotidiana, o que, para muitos pesquisadores, explica uma tendência cognitiva ao dinamismo na linguagem (Talmy 2000a, Egorova *et al.* 2018).

A categoria espacial de movimento talvez também seja uma das mais estudadas em diversas teorias formalistas, funcionalistas; mas obtendo maior destaque na Linguística Cognitiva (doravante, LC). Neste artigo vou me concentrar nos estudos de Talmy (1985, 1987, 1991, 2000a, 2000b)³, que gerou um conjunto considerável de pesquisas sobre a tipologia semântica do Movimento em diversas línguas, críticas e novas propostas ao longo dos últimos trinta anos.

Um evento de movimento envolve, basicamente, algum tipo de deslocamento da Figura (ou parte dela) a um ou mais Objetos de Referência (doravante, OR)⁴. Além desses dois componentes e do movimento em si, outros observados são o *percurso* e o *modo* do movimento.

A questão central para Talmy no estudo de eventos de movimento (1985, 2000b) foi observar em quais classes de palavra ou formas se encontram as informações de *percurso*. Dessa forma, as línguas foram classificadas em dois grandes grupos: línguas *verb-framed* e línguas *satellite-framed*⁵. No primeiro grupo estão línguas como turco, japonês, coreano, as línguas românicas etc., e no grupo inserem-se línguas como inglês, alemão, chinês etc. No primeiro grupo, o percurso é expresso na raiz do verbo, ao passo que as línguas do segundo

3 Embora os primeiros estudos de Talmy sobre os padrões de lexicalização tenham sido publicados na década de 1980, me baseio na reedição de seus trabalhos nos dois volumes de *Towards a Cognitive Semantics* (2000a, 2000b).

4 Figura é a entidade que tem sua localização estática ou dinâmica determinada em relação a um Objeto de Referência (ou Fundo), como em *O menino correu até a porta*, em que *O menino* é a Figura e *a porta* é o objeto selecionado para a localização dinâmica (*correu*) da Figura. Os termos usados por Talmy (2000a), entre outros autores, são *Figure* e *Ground*.

5 Batoréo (2000) traduz esses termos como *línguas centradas no verbo* e *centradas no satélite*, respectivamente. Prefiro não traduzi-los aqui pelo fato de não discutir a definição do termo *satélite*, pois alguns autores incluem os advérbios (*out*, *off*) e os prefixos (*en-* como em *enterrar*), enquanto outros colocam todos os itens de classes fechadas na categoria dos satélites (preposições, posposições, prefixos, advérbios etc.).

grupo apresentam mais frequentemente o modo ou a causa do movimento no verbo, ficando o percurso expresso nos chamados satélites (*satellites*). Exponho brevemente a seguir esses dois padrões.

2.1 Movimento + Co-evento

Esse padrão diz respeito à combinação (ou confluência) dos componentes semânticos de movimento e um co-evento, podendo ser este o *modo* ou a *causa* do movimento. O inglês é uma típica língua desse padrão, conforme os exemplos (1) a (3) a seguir (adaptados de TALMY 2000b: 28):

(1) The rock	slid	down	the hill.
A pedra	escorregou	abaixo/para baixo de	a colina.
FIGURA	MODO DO MOVIMENTO	PERCURSO	OR
“A pedra escorregou colina abaixo”			

(2) The bottle	floated	into	the cave.
A garrafa	flutuou	para dentro de	a gruta.
FIGURA	MODO DO MOVIMENTO	PERCURSO	OR
“A garrafa flutuou para dentro da gruta”			

(3) The napkin	blew	Off	the table.
O guardanapo	soprou	da/para longe de	a mesa
FIGURA	CAUSA DO MOVIMENTO	PERCURSO	OR
“O guardanapo caiu da mesa por causa do vento” ou “O guardanapo voou da mesa por causa do vento”			

Nos exemplos (1) e (2), os verbos *slide* e *float* contêm, ao mesmo tempo, as informações de movimento e modo: a pedra se move escorregando, e a garrafa, flutuando. No exemplo (3), estão embutidas no verbo *blow* as informações de movimento e causa: o guardanapo voa da mesa por causa da ação do vento, ainda que este não esteja expresso. Segundo Talmy (2000b), línguas classificadas como *satellite-framed* fazem uso dessas expressões cotidianamente.

2.2 Movimento + Percurso

Nessa tipologia, estão combinadas na raiz do verbo ao mesmo tempo as informações de movimento e do percurso. Se o modo ou a causa do movimento forem expressos, serão através de uma construção gerundiva ou adverbial, e não na raiz do verbo. Retomando o exemplo (2) acima para o inglês, Talmy (2000b: 49) ilustra a diferença entre os padrões *satellite-framed* e *verb-framed* acrescentando exemplo do espanhol:

culturas conceptualizam e focalizam certas informações relacionadas às categorias cognitivas básicas como localização e deslocamento no espaço, perspectiva, quantidade etc. No caso do português especificamente, há ainda poucas pesquisas sobre as tendências de representação do movimento nessa linha teórica⁷, eventuais diferenças entre as variedades do português ou em diferentes situações comunicativas.

Ao estudarem expressões de movimento em diversas línguas, alguns pesquisadores observaram um outro padrão em que a informação do percurso se distribui de formas diversas, como *redundant path phrases* (ASKE 1989, p. 11) e *doubling framing* (CROFT *et al.* 2010, p. 208). O primeiro autor afirma que o espanhol vernacular parece dar preferência a não expressar o percurso somente no verbo, mas também em sintagmas (preposicionais/adverbiais) que expressam o percurso, como *Juan subió arriba, Juan bajó abajo, Juan entró adentro* etc. (op. cit.). Em nota, Aske (op.cit. p. 14) afirma ainda que “em francês o mesmo parece estar acontecendo, como Eve Sweetser me lembrou, como em monter en haut, descendre en bas etc.” (sublinhados do autor⁸).

Essa observação de Aske será retomada por Croft *et al.* (2010, p. 208) para inserirem esse tipo de construção em sua proposta, incluindo assim a dupla marcação “*doubling framing*”, ou seja, o enquadramento do evento com a informação de percurso no verbo e nos sintagmas, ao lado dos demais tipos (*verb-framing, satellite-framing*, entre outras).

Algo semelhante se observa no italiano, segundo Iacobini; Masini (2006, p. 08), em construções como *entrare dentro* (“entrar dentro”) e *uscire fuori* (“sair fora”) que contém partículas de reforço (*dentro e fuori*) da informação do percurso já constante na raiz dos verbos. Por fim, Sampaio *et al.* (2009) identificaram a obrigatoriedade de dupla marcação em amondawa (língua da família Tupi falada na Amazônia) tanto no verbo quanto em posições. O foco da pesquisa desses autores foi apresentar todos os padrões de lexicalização do movimento em amondawa, o que eles chamaram de *distribuição semântica do movimento*.

Apesar de esses estudos identificarem outras construções para além das duas tipologias propostas por Talmy (2000b), nenhum deles explora de fato eventuais diferenças semânticas entre a representação do percurso de forma duplicada e não duplicada. Retomo essa questão na próxima seção, entre outras que serão colocadas.

3. Padrões de representação do movimento no português

Em outra ocasião, examinei os padrões de representação do movimento na variedade paulista do português num conjunto de textos dos séculos XVIII a XX de tipologia diversa, como memórias e diários de viagem, cartas pessoais e inquéritos orais (KEWITZ 2009, 2011).

7 Embora haja várias pesquisas envolvendo a categoria cognitiva de ESPAÇO, as que tomam-na como foco são as de Batoréo (2000), Santos Filho (2013, 2018), Kewitz (2009, 2010, 2011), entre outros.

8 Original: *In French the same thing seems to be going on, as Eve Sweetser reminded me, e.g. monter en haut, descendre en bas, and so on.*

Constatei, por exemplo, maior frequência do padrão *verb-framed* com verbos como *entrar, sair, subir, descer, chegar, passar, ir, vir*, entre outros, e as especificações do percurso do movimento pelas diferentes projeções de determinadas preposições como *em, de, a, para e por*, como nos exemplos (7) e (8). Paralelamente, ainda que em menor número, também foram encontradas ocorrências do padrão *satellite-framed* com verbos de modo do movimento, tais como *correr, escorregar, nadar, pular, saltitar, deitar, escavar etc.*, exemplificado em (9) a seguir⁹:

(7) A Senhora Condeça do Vimieiro Irmaã, e Succesora de Lopo de Sousa, reivindicou a Sua Capitania, e expulsou o Conde aos 30. de Novembro de 1622., e devendo não paSsar das Barras da Bertioga, e Pernágoá, a introdusiraõ Seos Procuradores nas déz legoas, e outras terras da Casa de Monsanto: (...) [Mem FGMD, XVIII]

(8) 4.º emfim por se terem despedido alguns homens *que* deviaõ conservar-se, (...) o Mestre das Maquinas, *que* devia não só servir para as refazer econservar, (...) devera continuar, ensinando anoSsa gente, *que* já está muito adiantada, sem haver precisaõ nenhuma deque venhaõ obreiros *de fora*. [Mem JB, XIX]

(9) As lupas, (...) são demaziado grandes, e por isso levaõ muito tempo aformarem-se, e (...) pela maior parte mal feitas, que se escavação no malho, e deitaõ muita escoria, (...) éhe preciso accumular em cima muito carvaõ, que se poderia poupar. [Mem JB, XIX]

Apesar de os padrões de representação do movimento exemplificados em (7) e (8) serem os mais recorrentes em português, outras combinações puderam ser identificadas, tais como o movimento e parte da Figura (*chutar, cuspir*), movimento e OR (*costear, embarcar, aportar*), além das combinações de mais de dois elementos (cf. KEWITZ 2011).

O outro padrão identificado no português brasileiro se refere à duplicação da informação do percurso do movimento. Em Kewitz (2010, 2011) rotulei esse padrão como *percurso redobrado*, a partir dos fenômenos de redobramento sintático estudados por Moraes de Castilho (2004, 2005). Nos exemplos (10) a (13) a seguir, o percurso do movimento é expresso tanto no verbo quanto nas expressões preposicionadas ou adverbiais¹⁰:

(10) Inf. (...) im são luis tem uma: :: uma uma igreja da mercedes... tem uma/ diz que tem eu num vi ainda porque a igreja só fechada a igreja abri só pa limpá ela mas depois só continua fechada...tem uma mesinha di mármori qui aquele tempu num tinha nada po padri subí po po frei subí pa pregá u evangelhu num tinha nada né? ...intão subia im cima duma mesinha... intão nessa igreja lá tem uma uma mesinha lá qui tem us dois pé do frei do frei garvão... [FB10, XX]

(11) Inf. ah (posu fio) é pra cá...esse é pra cá...(posu fio) a senhora pa chegá lá a senhora tem que descê lá embaxo... tem uma estrada que sobe nu vira naquela estrada? [FB02, XX]

9 No Anexo ao final do artigo são listadas as siglas das fontes e *corpora* utilizados na coleta de dados. Assim, nos exemplos são identificados entre [] o tipo e/ou conjunto de texto pelas siglas e o século.

10 Não será apresentada nem analisada aqui a distinção entre preposição e advérbio.

(12) Oófisial olandes [...] prometeume desahir fora deste porto para odeSanctos [Seb2, XVIII]

(13) (...) agora mediSse hua India, *que* o Capitam da aldeia tinha ordem do Senhor Joseph para vegiar as Indias, *que* entraSsem dentro desta Casa aleva alguã couza, compena de Serem a Soutadas, (...) [AI, Carta 19, XVIII]

Os exemplos (12) e (13) revelam que expressões rotuladas como pleonasma pelas gramáticas normativas não são exclusivas da oralidade, tampouco de falantes menos escolarizados (exemplos 10 e 11), como afirma, por exemplo Cunha (1982):

(do grego *pleonasmós* “demasia, excesso, redundância”) é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

“ – *Entre cá dentro*, disse o morgado.” (C.C.Branco QA, 224)

(...) *Suba p’ra cima* desse trono (...) Mas o melhor é *descer cá p’ra baixo*, real senhor” (C.C.Branco BP, 161)

“E aquela saudade parece que *saiu para fora* do meu peito (...)” (S.Lopes Neto, CGLS, 302)

Pleonasma vicioso: (...) só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força da expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido dos termos empregados, ou da negligência, é uma falta grosseira. (CUNHA 1982, p. 579)

Os gramáticos são unânimes em considerar casos como *subir para cima*, *descer para baixo/abaixo*, *entrar dentro/para dentro* e *sair fora/para fora* como redundância, erro ou ainda ignorância do sentido das expressões¹¹. A recorrência desses casos em documentos escritos até por volta do século XVIII, mais formais, controlados e formulaicos, pode indicar que essas expressões não eram consideradas redundantes, ao lado de vários outros tipos de dupla marcação de algum referente na mesma sentença, como *me a mim*, *lhe a ele* etc. Alguns desses fenômenos de redundância são considerados erros, ao passo que outros são inseridos entre as figuras de linguagem, abonados pelos exemplos extraídos de grandes obras da literatura (portuguesa e brasileira) nas gramáticas normativas.

Esse fenômeno, chamado mais amplamente de redobramento sintático, conforme mencionado antes, foi minuciosamente estudado por Moraes de Castilho (2004, 2005), com base em dados do português dos séculos XIII a XVI, além de dados de oralidade. Alguns dos casos levantados pela autora incluem duplicação de marcas de posse (*seu* + Sintagma

11 Dentre eles destacam-se Cunha; Cintra (1985) e Rocha Lima (1972), cujas colocações reverberam em diversas outras gramáticas normativas.

Preposicionado), dupla negação, quantificadores (MORAES DE CASTILHO 2005, p. 33-34), exemplificados em (14) a (16), além dos objetos direto e indireto ‘pleonásticos’ referidos nas gramáticas normativas (exemplos 17 e 18, extraídos de CUNHA 1982, p. 580):

(14) [XIII DSG 9:35] *E o monge Libertino outrossi deitou-se ante os pees de seu abade e disse-lhi que aquele mal que el recebera non fora per **sa crueza do abade**, mais fora per **sa culpa del mesmo**.* [o possessivo *seu* como redobro de um SP]

(15) [XIII CSM1 193:12] *Enton cuidei logo como me partisse / daquesta terra que **neun non me visse**,* [duplicação da negação]

(16) [XV VS 43:18] *E **todas** almas que jaziam em aquelle lago **todas** se faziã prenhes.* [duplicação de quantificador]

(17) “*Letras vencidas, urge pagá-las*” (M. de Assis, OC, 539)

(18) “*À doente trouzeram-lhe uma xícara de caldo (...)*” (A. Garrett, O, 426)

O redobramento é definido por Moraes de Castilho (2005, p. 32) como a “ocorrência de duas categorias ligadas pelo processo de correferencialidade”, uma delas sendo um clítico acusativo, dativo ou locativo, e a outra um Sintagma Preposicionado, Sintagma Nominal ou “um pronome pessoal forte do tipo *ele*”. Em outro trabalho, Moraes de Castilho (2011) acrescenta aos fenômenos de redobramento as construções de tópico (deslocamento à esquerda de diversas funções sintáticas com retomada pronominal na mesma sentença) e a correlação em sentenças com os pares *não só... mas também, assim como... assim, tão/tanta... que*, entre outros. Nesse sentido, a definição de redobramento passa a ser o fato de que “uma dada classe X ocorre juntamente com uma classe Y”, as quais são preenchidas por categorias desde uma palavra até construções. Nessa relação uma determinada “função é preenchida mais de uma vez” (op. cit., p. 270).

Por fim, um outro fenômeno de redobramento é estudado por Castilho *et al.* (2019), a concordância, por levarem em conta que a recorrência de marcas de plural (como em *as casas grandes e eles estão cansados*) também deve ser vista como um caso de redundância. Segundo os autores, “a concordância é uma relação de compartilhamento de traços gramaticais entre dois termos” (op. cit., p. 289), o que está atrelado ao princípio de recursão (cf. CASTILHO 2015). Exponho adiante um pouco mais desse princípio.

No quadro da Abordagem Multissistêmica (CASTILHO 2007, 2010), define-se a língua como um conjunto de produtos, divididos razoavelmente em Discurso, Léxico, Gramática e Semântica, e de processos, divididos entre os correspondentes aos produtos. Nenhum desses produtos e processos é central nessa abordagem, sendo os dispositivos sociocognitivos de ativação, reativação e desativação os responsáveis pela articulação dos produtos e dos processos. Os três princípios da Abordagem Multissistêmica, descritos adiante, operam dinamicamente e

simultaneamente, o que insere a linguagem entre os sistemas complexos. A base dessa proposta está na observação minuciosa do que acontece na conversação, a exemplo dos trabalhos do *Projeto de Gramática do Português Falado* (JUBRAN 2015 Org., entre outros).

O Princípio de Projeção é definido por Castilho (2012, 2015) como o momento em que ativamos propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, o que resulta na construção de palavras, sentenças, tópicos discursivos, sentidos etc. O Princípio de Recursão, por sua vez, diz respeito à reativação de propriedades nos quatro subsistemas (CASTILHO 2015, CASTILHO *et al.* 2019), a exemplo da reanálise e do redobramento, no subsistema da Gramática, processos estes mais estudados em diversas teorias (Gerativismo, Gramaticalização etc.). Por fim, o Princípio de Elipse (CASTILHO 2015) é responsável pela desativação de propriedades, categorias, palavras etc., correspondendo a apagamentos fonológicos, morfológicos e sintáticos no subsistema da Gramática, aos desvios do tópico discursivo em andamento através de parênteses e digressões no Discurso, e assim por diante nos demais subsistemas.

A proposta que coloco aqui é a de que os casos ilustrados a seguir, em (19) a (22), sejam incluídos no fenômeno de redobramento, demonstrando mais claramente a atuação do Princípio de Recursão:

- (19) a. Ora vej'eu que est aventurado / já Pedr'Amigo e que lhi fez Deus bem, / ca nom desejou do mund'outra rem / senom aquesto que há já cobrado: / ùa ermida velha que achou; / e entrou dentro; e pois que i entrou, / de sair dela sol nom é pensado. [CEM349, XIII]
- b. Onde aconteceu que hũũ filosofo chegou ao paaço dhũũ principe ã vestidura uil e nũca o leixarõ entrar dentro, pero o prouou muytas uezes. [OE, XV]
- c. O pay era preto e gentil-homem de bom corpo, mayor que o do filho, e estão con todos seus arcos e vestidos, como trazião e trazem sendo vivos. Pois queremdo entrar dentro pella porta, [CRB, XVI]
- (20) a. Quenq(ue)r q(ue) out(ro) ensarrar en sa casa q(ue) morar ou mãdar ensarrar p(er) força a omees q(ue) ñ seyã de seu senhorio & ñ o leyxar sayr fora da casa, peyte #XXX m(a)r(auidi)s, [FR, XIII]
- b. E este medês embargo, e muyto mais, ha no poer dos sabujos, ca, poendo-os en outra entrada que non fosse a derradeira, muyto menos o poderia achar, ca non ha tam boo sabujo que tanto podesse desenvolver, demais sayrem duas ou tres vezes fora pollas saydas e entradas. [LM, XIV]
- c. (...), estando estes fidallgos em Çepta, aquelle filho de Gomçallo Nunez, (...) assy avia nobres comdições & costumes &, porque avia dias que ñ sayra fora da çidade, chamando-o aquella a que se nenhũa criatura vyvemte pode escomder, [CDPMen, XV]

- (21) a. Ca lhe semelhava que ele e seu irmão La[n]çarot deciam de ãa cadeira e sobiam sobre dous cavalos grandes, e diziam ãũ ao outro: (...) [DSGraal, XIII/XV]
- b. E o cõde dô Pero Ãçores, (...) deulhe a terra e foi se pera el rey d’Aragõ mui bẽ acõpanhado. E, quando chegou hõde el rey era, sobio en çima de hũũ cavalo brãco e pos hũa corda a seu pesçoço commo [se] fose preso [CGE, XIV]
- c. E bem tenho que em este caso mais câãe por se firmar em elles, que recebem delles ajuda proveitosa. E achei certo avysamento pera, quando a besta sobe per algũa sobida muyto alta, [LEBC, XV]
- (22) a. (con)uẽ a ssaber, assi en casas com(m)o en viñas com(m)o en aruores com(m)o en resios, assi commo estam c(er)çadas de deredor de vallo a vallo [DN, HGP105, 1289, XIII]
- b. E elles, quando esto ouvirom, armaronsse logo ho mais toste que poderom e cavalgarõ em seus cavallos. E os mouros, como erã muytos ademais, fezeron de sy quinze aazes; e assi foro daquella maneira ataa onde estavã os ifãtes e cercarõnos todos arredor. [CGE, XIV]
- c. E asy o ffez el rey que naquelle dia começou a fazer obra em suas casas e cercar a cidade ao redor, [CRB, XVI]

A informação do percurso do movimento está presente tanto na raiz dos verbos *entrar*, *sair*, *subir* e *cercar* quanto nas expressões preposicionadas / adverbiais que eles projetam, podendo ser esquematizados razoavelmente assim:

Esquematização dos exemplos (19) a (22)

verbo	satélites¹²
<i>entrar</i>	<i>(para) dentro</i>
MOVER PARA DENTRO	DENTRO
<i>sair</i>	<i>(para) fora</i>
MOVER PARA FORA	FORA
<i>subir</i>	<i>para cima / acima</i>
MOVER PARA CIMA	CIMA
<i>cercar</i>	<i>arredor</i>
MOVER EM VOLTA	EM VOLTA / AO REDOR ¹³

Fonte: Elaboração própria

12 Utilizo aqui o termo *satélite* a partir da terminologia de Talmy (2000a, 2000b) sem o compromisso de discutir a pertinência desse termo, nem as categorias que compõem essa classe. Trata-se apenas de um jeito simples de incluir nessa categoria as preposições (simples e complexas) e os advérbios. A respeito da distinção entre essas duas classes, remeto o leitor aos estudos de Lemle (1984), Teixeira (2001) e Castilho (2010), entre outros. Para uma discussão sobre as propriedades formais e semânticas das preposições complexas, v. Almeida *et al.* (2018).

13 Nos textos do português arcaico consultados, não ocorre a expressão *em volta (de)*, mas apenas *ao redor / derredor / arredor* redobrando o movimento circular com o verbo *cercar*.

Procurei colocar exemplos de vários séculos e tipos de texto para atestar que as expressões espaciais com a dupla marcação do percurso estão presentes no português desde os primeiros textos, ao contrário do que prescrevem os gramáticos. Mas aqui cabe perguntar em que medida as estruturas com e sem redobramento (como *entrar dentro* e *entrar em/por* etc.) representam diferentes cenas espaciais. Do ponto de vista da Semântica Cognitiva, cada preposição (simples e complexa) tem a função primária de perspectivizar (cf. KEWITZ *et al.* 2018) e, assim, estaríamos diante de cenas distintas ou, ao menos, nuances de recorte da cena espacial. Por outras palavras, seriam as expressões *entrar em X* e *entrar dentro de X* representativas de perspectivas distintas da mesma cena espacial? Essa pergunta só poderá ser respondida em outro momento, comparando-se dados de diferentes séculos e textos¹⁴. Retomo essa questão nas considerações finais do artigo.

Outra questão que surgiu, ao observar dados do CIPM, se refere ao verbo *descer*. Costuma-se listá-lo com o demais - *entrar*, *sair* e *subir* sobretudo - pelo fato de ser usado em estruturas redobradas como *descer para baixo*. No entanto, esse verbo no português arcaico ora aparece na forma *descender* (do latim *descendere*), ora na forma *decer/descer*, ambas com o sentido de MOVIMENTO PARA BAIXO e de PROCEDÊNCIA POR GERAÇÃO (daí o uso atual de *descendente*), como mostram os exemplos (23) e (24) a seguir:

(23) MOVIMENTO PARA BAIXO

- a. E entõ decendeo o enperador do cauallo cõ piedade e fez aly justiça da morte daquel filho da viuua. [OE, XV]
- b. E imdo por a veigua que hee amtre a Feira e Çaffra, o Mestre dõ Martinhanês começou de deçer muy rijo da çerra domde estava com suas gemtes e cõ outros muitos que lhe depois recreçerão, mostramdo de dar na oste do Comde. [CDJI, Parte 2, XV]

(24) PROCEDÊNCIA POR GERAÇÃO

& se hy n(on) ouu(er) fillo léédimo. fiquẽ áá mayor filla léédima se a hy ouuer. E esto seia guardado en todos aq(ue)les q(ue) de uos decerẽ léédimos p(er)a todo semp(re). E sse uos don A(ffons)o meu filço non ouu(er)des filço ou filya léédima; os dauãdictos Castelos e vilas; tornesse a'lRey d(e) Port(ugal). E out(r)ossi se uosso filço. ou uossa filya. ou uosso neto. ou uossa neta. ou os out(r)os q(ue) decerẽ de uossa semẽ||te|| léédimamẽ||te|| {tre} nõ ouuerẽ filyo léédimo. ou filya léédíma. ou irmao. ou irmáá. ou tyo. ou tya. ou out(r)o p(ro)píquo que decêda léédimamẽte de uossa semẽ||te||. e o linagẽ que decer d(e) uos léédimamẽte for estinto; os sobred(i)c(t)os Castelos e vilas tornesse A'lRey de Port(ugal) sen neua (con)tenda e sen nẽuũ enbargo. E uos nẽ neúú q(ue) de uos decenda nõ possades doar. nẽ uender. nẽ cãbyar.

14 Além de observar dados de textos de tipologia distinta, vale lembrar que é também crucial considerar as diferentes tradições discursivas dos textos. Também relevante será observar os dados em contextos semelhantes de uso dos verbos e das expressões representativas do percurso do movimento.

nã empenorar. [Carta de doação ao Infante D. Afonso das vilas e dos castelos de Marvão, Portalegre e Arronches, Chancelaria de D. Afonso III, CA012, 1271, XIII]

Nos exemplos (23a) e (23b), as formas *descender* e *descer* aparecem com o sentido de movimento para baixo, ambos com a indicação do ponto inicial do percurso pela preposição de (*do cauallo, da çerra*, respectivamente). No exemplo (24) as duas formas (*descer* e *descender*) aparecem recorrentemente no sentido de procedência por geração, marcada pela preposição *de*.

A forma *descer* (grafada *decer* no português arcaico) aparece com menor frequência do que os demais verbos aqui retratados. Essa constatação também mereceria pesquisas mais aprofundadas pelo fato de certas informações espaciais serem mais ativadas do que outras considerando, por exemplo, os pares nos eixos espaciais como *cima-baixo, frente-trás* etc¹⁵.

Voltando à questão central do artigo, apesar da baixa ocorrência de *descer/descender* no CIPM com sentido de movimento para baixo, é preciso fazer aqui algumas ressalvas: (i) no *Dicionário de Verbos do Português Medieval* (DVPM), não consta uma entrada para *descer*, apesar de ser encontrado no *corpus*; há apenas a entrada para *descender* em que se apresentam os dois sentidos exemplificados em (23) e (24); (ii) para a observação de dupla marcação do percurso com *descer*, é importante atentar para o fato de as expressões espaciais com *baixo* começarem a aparecer nos textos do século XV, conforme atestam Kewitz *et al.* (2020), a partir de outros autores:

A explicação para a ausência de *baixo* em construções com sentido locativo é dada por Said Ali (1971 [1921]), Mattos e Silva (1989) e Costa (2004): a expressão indicativa de espaço /inferior/ no português até o século XV era *fundo*. (...) Said Ali (1971: 191) aponta que as locuções *em baixo, para baixo* etc. apareciam ainda muito timidamente no século XV. No entanto, encontramos várias construções com *baixo* em textos do século XV para indicar a orientação espacial /inferior/ (...). (KEWITZ *et al.* 2020, p. 332)

Assim, foi necessário buscar dados não apenas com o verbo *descer* em suas diferentes formas, como também as expressões com *fundo* (*a fundo, em fundo*), como se vê no exemplo (25) a seguir:

(25) Os castelaãos, vemdo que el Rey tinha aimda de passar o rio que o Comde ja tinha passado e que avia de decer a elle per hũa ladeira a ffumdo, poseram se muitos a cavallo pera os arremesar a de cima, [caa] o podiam bem fazer a seu salvo. [CDJI, Parte 2, XV]

Apesar disso, o exemplo (25) foi um dos poucos dados de redobro do percurso do MOVIMENTO PARA BAIXO encontrados no CIPM. A explicação para isso pode estar atrelada ao uso de outra expressão indicativa de espaço /inferior/, frequente nos textos dos séculos XIII e

15 Batoréo (2000), por exemplo, constata menor frequência de uso de expressões com *trás* comparando-se com outras dos eixos vertical, horizontal e transversal. Para mais detalhes sobre os eixos espaciais, razoavelmente equivalentes aos esquemas imagéticos propostos por Lakoff (1987), v. Castilho (2006, 2010), entre outros.

XIV. Trata-se de *juso* (ou *iuso*), proveniente do latim *iusum*, forma reduzida de *deorsum*, que significava justamente PARA BAIXO, EMBAIXO (cf. MACHADO FILHO 2013, p. 289). Alguns poucos exemplos foram encontrados, como se vê em (26) a (28):

(26) Mui gran dereit' é d' as bestias obedecer ... / Aquel logar a pe dun mont' está / en que muitas cabras montesas á; / ond' estraña maravilla avêo ja, / ca foron todas ben juso decer [CSM052, XIII]

(27) Quando aquest' ouve dito aquel herege sandeu, / log' a aquela omagen a cinta lle decendeu / juso como a moller virgen, e logo lle descreceu / o ventr', assi come ante que foss' ela conceber. [CSM306, XIII]

(28) E Galaaz chamou os outros e disse-lhes: – Vinde e ergamos esta pedra e veremos que há sob ela. E eles decerom juso e el filhou a pedra e ergueo-a alto e vio de juso ãũ corpo tam queimado e tam marteirado de fogo que nom há [h]omem que o visse que nom devesse a haver dele doo. [DSGraal, XIII/XV]

Esses dados demonstram que o redobramento do percurso do movimento /inferior/ já ocorria desde os primeiros textos portugueses, assim como com os demais verbos (*entrar*, *sair*, *subir* e *cercar*). Nos textos dos séculos XIII e XIV, são usados *juso* e *fundo* na indicação de percurso do movimento /inferior/; nos textos do século XV, ao lado de *fundo*, aparecem as expressões com *baixo*; e a partir do século XVI essas parecem ser as expressões representativas do espaço /inferior/ por excelência no português em suas várias construções (*debaixo*, *abaixo*, *embaixo*, *para baixo*, *por baixo* e *por debaixo*). Apesar de não ter encontrado dados com *descer abaixo/para baixo* no CIPM, o redobramento ocorre com o verbo *cair* + *ajuso* (exemplo 29) e *cair* + *abaixo* (30), semelhantemente ao que ocorre em italiano na expressão *cadere giù* (IACOBINI 2009, p. 32):

(29) E veeron outros cristãos que leixara el rei dõ Paayo na cova contra elles e mataron delles muytos. E os que poderõ escapar foronsse a Levana, que he na ribeira do ryo Deva, e acolheronsse aa serra e sobyron ã cima do monte. E o monte cayu com elles ajuso ã fũdo do rio e morreron ally todos so a augua e so as penas. [CGE, XIV]

(30) e por ver e dar synal de tudo o que vya, amdava com a cabeça tão ameude de hũa bamda e da outra que quasy estive pera cahir do cavallo abaixo com o syso perdido, e não he muito de espantar dos grandes gastos d elles, pois que o dinheiro he tanto, e tem tão grandes riquezas. [CRB, XVI]

Os dados acima se assemelham às ocorrências do italiano *cadere giù* atestadas por Iacobini (2009, p. 32) em textos de Dante Alighieri (sécs. XIII-XIV), a que se somam *entrare dentro*, *tirare fuori* etc. A título de generalização, apresento no quadro abaixo a origem dos verbos levantados neste artigo, *entrar*, *sair*, *subir*, *descer/descender*, *cercar* e *cair*, e os sentidos atribuídos pelos dicionários:

Quadro 1. Etimologia e sentidos dos verbos *entrar*, *sair*, *subir*, *descer/descender*, *cercar* e *cair*

Verbo	étimo	sentidos espaciais básicos
<i>Entrar</i>	lat. <i>intrare</i>	deslocar-se/mover-se de fora para dentro
<i>Sair</i>	lat. <i>salire</i>	deslocar-se/mover-se de dentro para fora
<i>subir / sobir</i>	lat. <i>subire</i>	deslocar-se/mover-se para cima, mover-se para um lugar mais alto
<i>descer / descender</i>	lat. <i>descendere</i> ou origem contro-vertida	deslocar-se/mover-se para baixo movimentar-se no sentido do mais alto para o mais baixo
<i>Cercar</i>	lat. tardio <i>circare</i>	mover (algo) em volta/ao redor, delimitar, circundar ou proteger uma área, impedir a passagem
<i>Cair</i>	lat. <i>cadere</i>	mover-se de cima para baixo; ir ao chão

Fontes: Machado Filho (2013), *Dicionário de Verbos do Português Medieval* e *Dicionário Aulete Digital* (elaboração própria)

Retratei esses verbos pelo fato de serem os que mais frequentemente ocorrem¹⁶ com redobramento da informação do percurso do movimento, ou seja, essa informação está tanto no verbo quanto nas expressões preposicionadas ou adverbiais na mesma sentença, como já mencionado anteriormente.

Considerações finais

Algumas questões e observações foram colocadas ao longo do artigo, mas mais do que respostas, apresento outras questões ou observações numa sorte de encaminhamento de pesquisas futuras. Como ponto de partida, retomo o Princípio de Recursão do quadro da Abordagem Multissistêmica (CASTILHO 2015) para pensá-la em conjunto com as operações de conceitualização da Semântica Cognitiva, como a Perspectiva (TALMY, 2000a, 2000b).

O Princípio de Recursão tem sido observado mais detidamente nos subsistemas da Gramática, a exemplo dos casos de redobramento sintático (duplicação de pronomes, construções de tópico, concordância) e de reanálise (fronteiras de constituintes), e do Discurso, como os processos de Repetição, Correção e Paráfrase (cf. JUBRAN Org. 2015). No Léxico, a recursividade costuma ser aplicada em casos de relexicalização de preposições como *desde* (de + ex > des > des + de > desde), *perante* (per + ante) etc. Já na Semântica, Castilho (2015) insere os casos de sinônimos ou palavras de sentido próximo. No entanto, considerando processos como polissemia, invariância, metáfora, metonímia etc., estudados sobretudo no quadro da Semântica Cognitiva, o Princípio de Recursão semântica pode ser observado em outros fenômenos, como é o caso da dupla marcação do percurso do movimento nos exemplos mostrados com *entrar*, *sair*, *subir*, *descer*, *cair* e *cercar* em dados do português arcaico.

¹⁶ É possível que outros verbos de movimento ocorram com redobramento, mas certamente esses são os que tanto frequentam as listas de pleonasmos nas gramáticas quanto os que ocorrem em diversos *corpora*.

Assim, o redobramento engloba não só elementos sintáticos, mas também semânticos, sem que se atribua a única função de ênfase, como se vê nas gramáticas normativas. Nesse caso, a pergunta em relação ao redobramento pode ser recolocada da seguinte forma: que sentido está sendo reativado em cada fenômeno de redobramento? Retomando os casos analisados por Moraes de Castilho (2005), Castilho *et al.* (2019) e aqueles apresentados neste artigo para expressões de movimento, proponho o seguinte quadro (exemplos adaptados dos autores para fins de simplificação):

Quadro 2. Sistematizando os fenômenos de redobramento

Fenômenos ou elementos redobrados	Sentido	Exemplos
Construção de Tópico (Sujeito, Objeto Direto, Objeto Indireto, Complemento Oblíquo, Adjunto)	Foco no referente (tema)	<i>O menino ele foi embora</i> <i>Vi-o a ele</i> <i>Dei-lhe a ele</i> <i>E esta moça casou com ela o João</i>
Pronomes possessivos	Posse	<i>sa madre dela</i>
Pronomes locativos e temporais	Lugar e Tempo	<i>aqui em casa; hoje neste dia</i>
Elementos de negação (pronomes, advérbios)	Negação, exclusão	<i>Nenhum não me viu</i> <i>Nunca jamais disse isso</i>
Concordância verbal (CV) e nominal (CN)	Quantidade e Gênero	<i>Todos os caras falam muito (CV)</i> <i>As casas amarelas (CN)</i>
Verbo de percurso + expressões de percurso	Percurso do Movimento	<i>entrar dentro, sair fora, subir para cima, descer para baixo, cair abaixo, cercar em volta</i>

Fonte: elaboração própria

O quadro acima permite observar a atuação do Princípio de Recursão tanto sintática quanto semanticamente. No entanto, se o redobramento corresponde a expressar a mesma informação duas vezes, estaríamos então diante de casos de variação com expressões que não codificam o redobro? Ou seja, as expressões redobradas e não redobradas seriam alternantes na construção de um mesmo evento ou cena e, nesse sentido, *entrar dentro da casa* e *entrar na casa* seriam variantes? De acordo com a Semântica Cognitiva, *dentro de* e *em* perspectivizam a cena do deslocamento distintamente e assim não seriam variantes, ainda que *dentro de* e *em* remetam ao Esquema Imagético de *container* (cf. LAKOFF 1987). E o mesmo se aplica aos demais verbos e expressões de redobramento retratados aqui.

Outra questão, atrelada à anterior, diz respeito ao que se vê na literatura sobre redobramento em algumas línguas, especialmente as românicas: as chamadas *partículas de reforço* (cf. IACOBINI; MASINI 2006) têm mesmo essa única função? Pela definição de redobramento dada por Moraes de Castilho (2005), em que X e Y são correferenciais, talvez seja possível responder afirmativamente. No entanto, pela função primária das preposições de

estabelecer uma determinada *perspectiva*, a resposta terá de ser negativa.

Para resolver esse suposto impasse entre a observação das formas e dos sentidos, mais pesquisas são necessárias. Adicionalmente, mais pesquisas são necessárias para outros casos levantados neste artigo e outros não mencionados, mas que são igualmente dignos de nota, quais sejam:

(a) A análise das configurações espaciais dos verbos *entrar*, *sair*, *subir*, *descer*, *cair* e *cercar* em diferentes projeções (*a, para, em, de, por*, dêiticos locativos e preposições complexas), além daquelas levantadas aqui.

(b) Uma análise apurada dos usos metafóricos desses mesmos verbos, como em *entrar em conflito*, *entrar para a política*, *sair do prumo*, *descer dos tamancos*, *sair na avenida*, *subir na vida*, *cerca a galinha de todos os lados*, *cair em tentação*, entre tantas outras.

(c) O percurso histórico das construções com *baixo*, *fundo* e *juso* no português para a expressão de espaço /inferior/.

(d) A possibilidade de colocar o português não como uma língua exclusivamente *verb-framed* (cf. TALMY 2000b), mas sobretudo como uma língua de padrões híbridos por também abrir espaço para o uso de verbos de modo do movimento (*caminhar*, *correr*, *saltar*, *saltitar*, *deslizar* etc.), assim como o inglês (*satellite-framed*). Além disso, a dupla marcação de informações espaciais, seja no verbo e preposições / advérbios, seja em outros elementos, pode apontar para uma tipologia distinta ou mais flexível das línguas naturais, já que várias delas apresentam as chamadas expressões redundantes (cf. SAMPAIO *et al.* 2009, IACOBINI 2009, entre outros).

(e) Não menos importante é a análise dos fenômenos e aspectos elencados acima a partir da tipologia textual em que os dados ocorrem. Por outras palavras, não é porque um determinado item linguístico ou sentido não aparece em determinado período que significa que a língua tenha mudado, e sim apenas que certos tipos de textos, com suas tradições discursivas, não dão margem ao uso dessas formas (cf. JACOB 2001, KABATEK 2006, entre outros).

Referências

ALMEIDA, M. L. L.; LEMOS DE SOUZA, J.; KEWITZ, V. Preposições complexas: moldes e modos. In A. M. Tenuta; S. M. Coelho (orgs.) *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2018, p. 157-179.

ASKE, J. Path predicates in English and Spanish: A closer look. In: *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1989, p. 1-14.

BATORÉO, H. *Expressão do Espaço no Português Europeu Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*, Lisboa: FCT e Fundação Calouste Gulbenkian, Textos

Universitários de Ciências Sociais e Humanas, [Dissertação de Doutoramento, Lisboa: FLUL, 1996]. 2000.

CASTILHO, A. T. de. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na construção das línguas. In T. Lobo; I. Ribeiro; Z. Carneiro; N. Almeida (orgs.) *Para a História do Português Brasileiro*. Vol.VI: Novos dados, Novas análises, Tomo I. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 223-296.

CASTILHO, A. T. de. Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova Linguística Histórica. In: A.T. de Castilho; M.A. Torres Morais; R.E.V. Lopes; S.M.L. Cyrino (Orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Homenagem a Mary A. Kato*. Campinas: Pontes / Fapesp, 2007, p. 329-360.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. de. Princípio de Projeção. In A. P. Sedrins; A. T. de Castilho; M. A. Sibaldo; R. B. de Lima (Orgs.) *Por amor à Linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura*. Maceió: EDUFAL, 2012, p. 29-64.

CASTILHO, A. T. de. O que se entende por língua e por gramática. 2ª versão do primeiro capítulo de *Nova Gramática do Português Brasileiro*, ms., 2015.

CASTILHO, A. T. de; MORAES DE CASTILHO, C. M.; MARONEZE, B.; BUIN-BARBOSA, E.; CALDEIRA, M.; FERNANDES, F. O.; OLSEN, J. Diacronia da Concordância. In Castilho, A.T. de (org.) *História do Português Brasileiro*, vol. 5: Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2019, p. 284-400.

CIFUENTES FÉREZ, P. *Motion in English and Spanish: A Perspective from Cognitive Linguistics, Typology and Psycholinguistics*. PhD. Dissertation, English Philology, Murcia University. 2008. Disponível em <<http://www.tesisenred.net>>. Acesso em 13 de março de 2019.

CROFT, W.; BARÐDAL, J.; HOLLMANN, W.; SOTIROVA, V.; TAOKA, C. Revising Talmy's typological classification of complex event constructions. *Contrastive studies in construction grammar*, 10, 2010, 201-236.

CUNHA, C. F. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Mec/Fename, 1982.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Dicionário Aulete Digital. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/>>. Último acesso em 12/02/202.

Dicionário de Verbos do Português Medieval. Disponível em <<https://cipm.fcsh.unl.pt/verbos/indiceverbos.jsp>>. Acesso em 12/01/2020.

EGOROVA, E.; TENBRINK, T.; PURVES, R. S. Fictive motion in the context of mountaineering. *Spatial Cognition & Computation*, 18(4):259–284, 2018.

IACOBINI, C. The role of dialects in the emergence of Italian phrasalverbs. *Morphology*, 19, 15-44, 2009.

IACOBINI, C; MASINI, F. The emergence of verb-particle constructions in Italian: locative and actional meanings. *Morphology*, v. 16, n. 2, p. 155-188, 2006.

JACOB, D. ¿Representatividad lingüística o autonomía pragmática del texto antiguo? El ejemplo del pasado compuesto. In Jabob, D.; Kabatek, J. (eds.) *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica. Descripción gramatical – pragmática histórica – metodología*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, p. 153-176, 2001.

JUBRAN, C. C. S. (org.) *Construção do texto falado*. Vol. 1. Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudanças lingüísticas. In: T. Lobo; I. Ribeiro; Z. Carneiro; N. Almeida (orgs). *Para a história do português brasileiro*. Tomo II. Salvador, EDUFBA, p. 505-530, 2006.

KEWITZ, V. A noção de deslocamento no Português Paulista: uma abordagem cognitiva. In Hora (org.) *Anais do VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa: Idea. CD-ROM. 2009.

KEWITZ, V. Double path: a typology of Brazilian Portuguese. In Silva, A. S; Martins, J. C.; Magalhães, L.; Gonçalves, M. (eds.) *Actas do Congresso Internacional de Comunicação, Cognição e Media*. Braga: Aletheia / Univ. Católica de Braga, p. 153-168, 2010.

_____. A representação de movimento no Português Paulista. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 13(1), p. 89-125, 2011.

KEWITZ, V.; ALMEIDA, M. L. L. de; LEMOS DE SOUZA, J. Algumas dimensões espaciais: o caso de *cerca, cima e baixo*. In Ilari, R.; Basso, R. (orgs.) *História do Português Brasileiro*, vol. 8: História da Semântica do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto, p. 302-345, 2020.

KEWITZ, V.; ALMEIDA, M. L. L. de; LEMOS DE SOUZA, J.; GONÇALVES, C. As preposições: aspectos históricos e usos atuais. In Lopes, C. (org.) *Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. Vol. 4 de *História do Português Brasileiro* [coordenação geral de Ataliba T. de Castilho]. São Paulo: Contexto, p. 294-385, 2018.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LEMLE, M. *Análise sintática*. São Paulo: Ática, 1984.

MACHADO FILHO, A. V. *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013.

MORAES DE CASTILHO, C. M. Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e de *porende/porém*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, vol. 6: São Paulo: Humanitas, p. 53-100, 2004.

_____. *O Processo de redobramento sintático no português medieval. A formação das perífrases de estar*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, tese de doutoramento, 2005.

_____. Inventários e Testamentos como documentos linguísticos. *Filologia e Linguística Portuguesa*, Vol. 13(1), p. 261-285, 2011.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 30ª edição (1992 [1972]).

SAMPAIO, W., SINHA, C.; SILVA SINHA, V. Mixing and mapping: motion, path and manner in Amondawa. In: J. Guo, E., Lieven, N. Budwig, S. Ervin-Tripp, K. Nakamura, Ş. Özlişkan (eds.), *Crosslinguistic Approaches to the Study of Language. Research in the Tradition of Dan Isaac Slobin*. London and New York: Psychology Press, 649-667, 2009.

SANTOS FILHO, D. G. *Padrão tipológico do português: um estudo dos vestígios de satélites na expressão do movimento e do trajeto*. Dissertação de Mestrado (Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123133>>. Acesso em 13/08/2018.

_____. *A expressão do modo de movimento no português brasileiro*. Tese de Doutorado (Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198776>>. Acesso em 17/01/2020.

SLOBIN, D. I. Two Ways to Travel: Verbs of Motion in English and Spanish. In Thompson, S.; Shibatani, M. (eds.) *Grammatical Constructions: Their Form and Meaning*. Oxford: Clarendon Press, p. 195-219, 1996.

SLOBIN, Dan I. The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events. In S. Strömquist; L. Verhoeven (eds.), *Relating events in narrative: Typological and contextual perspectives in Translation*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 219-257, 2004.

_____. Relating Narrative Events in Translation. In D. Ravid; H. B. Shyldkrot (eds.) *Perspectives on language and language development: Essays in honor of Ruth A. Berman*. Dordrecht: Kluwer, p. 115-129, 2005a.

_____. Linguistic representations of motion events: What is signifier and what is signified? in C. Maeder; O. Fischer; W. Herlofsky (eds.) *Iconicity Inside Out: Iconicity in Language and Literature 4*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 307-322, 2005b.

_____. What makes manner of motion salient? In M. Hickmann; S. Robert (eds.) *Space in languages: Linguistic systems and cognitive categories*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 59-82, 2006.

TALMY, L. How Language Structures Space. In: *Spatial Orientation*. New York: Plenum. 225–282, 1983.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In T. Shopen (ed.) *Language typology and lexical descriptions: Vol. 3. Grammatical categories and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 36-149, 1985.

_____. Lexicalization Patterns: Typologies and Universals. *Cognitive Science Report*, n. 47. Cognitive Science Program. University of California, Berkeley, 1987.

_____. Path to realization: A typology of event conflation. *Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, p. 480-519, 1991.

_____. *Towards a Cognitive Semantics. Vol. I: Concept Structuring Systems*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 2000a.

_____. *Towards a Cognitive Semantics. Vol. II: Typology and Process in Concepts Structuring*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 2000b.

TEIXEIRA, J. *A verbalização do espaço: modelos mentais de frente/trás*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Coleção Poliedro, 2001. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1822/4517>>. Acesso em 04/01/2017.

ZLATEV, J.; YANGKLANG, P. A third way to travel: The place of Thai and serial verb languages in motion event typology. In S. Stromqvist; L. Verhoeven (eds.) *Relating events in narrative: Typological and contextual perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p.159-190, 2004.

ANEXO: Siglas das fontes e corpora utilizadas nos exemplos

CIPM - *Corpus Informatizado do Português Medieval* (<<https://cipm.fcsh.unl.pt/>>. Último acesso em 23/03/2020)

Século XIII

CA = Chancelaria de Afonso III

CEM = Cantigas de Escárnio e Maldizer

CSM = Cantigas de Santa Maria

DN HGP = Documento Notarial - História do Galego-Português (Clarinda Maia)

DSGraal = Demanda do Santo Graal (cópia do séc. XV, de um possível original francês do séc. XIII)

FR = Foro Real

Século XIV

CGE = Crónica Geral de Espanha

LM = Livro de Montaria

Século XV

CDJI = Crônica de Dom João I (Partes 1 e 2)

CDPMen = Crônica de Dom Pedro de Meneses

LEBC = Livro da Enseñança do Bem Cavalgar Toda Sela (Dom Duarte)

OE = Orto do Esposo

Século XVI

CRB = Crônica dos Reis de Bisnaga

PHPP II - *Corpus do Projeto de História do Português Paulista (I e II)*

AI (séc. XVIII) = Cartas de Aldeamentos de Índios, in Simões, José da S.; Kewitz, Verena (2006) *Cartas Paulistas dos séculos XVIII e XIX*. Humanitas, São Paulo, CD-ROM. Disponível em <<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>>. Último acesso em 17/10/2019.

Seb (séc. XVIII) = *Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela (1721-1819)*, in Simões, José da S. (2007) *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, Vol. II. Disponível em <<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>>. Último acesso em 17/10/2019.

Mem FGMD (séc. XVIII) = *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, escrita por Frei Gaspar da Madre de Deus. Edição semidiplomática Simões *et al.* (2013a), disponível em <<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>>. Último acesso em 11/10/2019.

Mem JB (séc. XIX) = *Memoria economica e metallurgica sobre a fabrica de ferro de Ypanema Sorocaba*, 1820, escrita por José Bonifácio de Andrada e Silva. Edição semidiplomática por José da Silva Simões, 2007. Disponível em <<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>>. Último acesso em 15/10/2019.

FB (séc. XX) = *Filologia Bandeirante*. Inquéritos orais com falantes analfabetos ou de baixa escolaridade, da zona rural (SP, MT, GO, MG), Projeto *Filologia Bandeirante* (coord. pelo Prof. Dr. Heitor Megale, USP). Material inédito.